



- EDITORIAL I – A VULNERABILIDADE NOSSA DE CADA DIA: A CIÊNCIA E AS REDES SOCIAIS E EDITORIAL II - O 25 DE ABRIL DA NOSSA PERPLEXIDADE
- ARTIGOS LIVRES: PEDAGOGIA, VIVÊNCIAS RACISTAS, CURÍCULO PÓS-COLONIAL, MAL-ESTAR
- DOSSIÊ: EDUCAÇÃO CIDADÃ PARA UMA PROMOÇÃO DA SAÚDE EMANCIPATÓRIA.
- PAUTAS INSUBMISSAS: RESULTADOS DE PESQUISAS, ENSAIOS E ANÁLISES

Revista Debates Insubmissos



REVISTA DEBATES INSUBMISSOS

ANO VII – V.7, Nº 24 – Janeiro, Fevereiro, Março e Abril de 2024 – ISSN 2595-2803

É uma publicação quadrimestral editada pelo Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As ideias e opiniões contidas em artigos assinados ou entrevistas nesta publicação são de responsabilidade de seus(as) autores(as), não refletindo, necessariamente, o pensamento epistemológico e político deste Grupo de Pesquisa ou de seus Editores.

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista Debates Insubmissos / Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, Universidade Federal de Pernambuco. – Vol. 1, n.1 (abr. 2018). – Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, 2018- .

Quadrimestral

ISSN 2595-2803

1. Movimentos Sociais – Periódicos. 2. Educação e Diversidade – Periódicos. I. Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.

CDD (23.ed) 303

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
GRUPO DE PESQUISA MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa

Carol Virgínia Góis Leandro

Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Allene Carvalho Lage

Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Everaldo Fernandes da Silva

Editores

Allene Carvalho Lage, Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses

Conselho Editorial Nacional

Adriano de León (UFPB); Alexandra Lima (UERJ); Ana Elisa de Castro Freitas (UFPA); Anderson Ferrari (UFJF); André Ferreira (UFPE); Benedito Medrado (UFPE); Caetano de Carli (UFRPE); Cássio Eduardo Viana Hissa (UFMG); Conceição Clarete Xavier Travalha (UFMG); Danilo Streck (UNISINOS); Debora Cristina Rezende de Almeida (UnB); Ernani Rodrigues de Carvalho Neto (UFPE); Everaldo Fernandes (UFPE); Fernando Guilherme Tenório (FGV); Gildemarks Costa e Silva (UFPE); Inês Virgínia Prado Soares (Unicamp); Jader Ferreira Leite (UFRN); Jaqueline Barbosa (UFPE); Jefferson de Souza Bernardes (UFAL); Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (UFPE); Júlia Figueredo Benzaquen (UFRPE); Lemuel Guerra (UFCG); Lourenço da Conceição Cardoso (UNILAB); Luis Távora Furtado Ribeiro (UFC); Luiz Augusto Passos (UFMG); Márcia Nina Bernardes (PUC/RJ); Márcio Caetano (FURG); Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG); Marcos Antonio Ferreira do Nascimento (FIOCRUZ); Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL); Maria do Carmo Gonçalo Santos (UFPE); Maria Lúcia Lima (UFPA); Maria Luiza Alencar (UFPB); Mario de Faria Carvalho (UFPE); Mary Ferreira (UFMA); Míriam de Fátima Chagas (MPF/RS); Mônica Franch (UFPB); Nélcio Vieira de Melo (UFPE); Orlandil de Lima Moreira (UFPB); Oscar Rover (UFSC); Rebecca Abers (UnB); Regina Facchini (UNICAMP); Telmo Adams (UNISINOS); Thiago Aparecido Trindade (UnB); Thula Rafaela de Oliveira Pires (PUC/RJ); Virgínia Leal (UFPE).

Conselho Editorial Internacional

Ana Maria Simões Azevedo Brandão (UMinho - ICS, Portugal); Bruno Sena Martins (CES-UC, Portugal); Eugénie Eyeang de Libreville (ENS, Gabão); Eurídice Monteiro (UCV, Cabo Verde); Evangelina Bonifácio (ESEB- IPB, Portugal); Fatima Viegas (UAN, Angola); Fernando Lopez Parra (IAEN, Equador); Fodé Abulai Mané (FDB, Guiné-Bissau); Hector Fabio Ospina (UM, Colômbia); Inés Fernandez Moujan (UNRN, Argentina); Isabel Casimiro (UEM, Moçambique); José Antonio Frías (US, Espanha); José Maria Hernandez (US, Espanha); José Tranier (UNR, Argentina); Michel Maffesoli (UPD, França); Odair Barros Varela (UCV, Cabo Verde); Osvaldo Moreira (UNI – Paraguai); Pauline Mendes (INEP, Guiné-Bissau); Zélia Anastácio (UMinho, Portugal).

Redação

Cynthia Genelice dos Santos (UFPE); Elba Ravane Amorim (UFPE); Daiany de Oliveira Santos (UFPE); Ericka Omena Erickson (SFSU - Estados Unidos); Fábria Roseana Souza Oliveira da Silva (UFPE); Filipe Antonio Ferreira da Silva (UFPE); Jessica Priscila Garcia de Souza (UFPE); Joana Teixeira Ferraz da Silva (UMinho, Portugal); Letícia Oliveira de Souza (UFPE); Lucas Gabriel Chaves Gonçalves (UFPE); Marciano Antonio da Silva (UFPE); Márcio Rubens de Oliveira (UFPE); Perycles Emmanoel Gomes de Macedo (UFPE); Rafaela Sofia Gonçalves Ribeiro (UMinho, Portugal); Rubem Viana de Carvalho (UFPE); Sérgio Antônio Rêgo (UMinho, Portugal), Simone Salvador de Carvalho (UFPE).

Tradução e/ou Revisão dos Resumos

Ericka Omena Erickson e Veríssimo Ferreira da Silva

Projeto Gráfico

Ubiratan Egito

Capa

Mosaico de imagens elaborado pelo designer Janielson Cavalcante de Almeida.

EDITORIAL I

**A VULNERABILIDADE NOSSA DE CADA DIA: A CIÊNCIA E AS
REDES SOCIAIS**

EDITORIAL I

***THE VULNERABILITY OF OUR EVERYDAY LIVES: SCIENCE AND
SOCIAL NETWORKS***

A construção de uma identidade, prestígio e reconhecimento acadêmico no percurso da ciência leva décadas de árduo trabalho, de uma sofisticada e qualificada produção intelectual e de uma atuação internacional ampla nas mais diversificadas arenas do debate científico. Além disso as exigências da produção intelectual é sempre um desafiante campo minado para compatibilizar as atividades, principalmente de ensino e pesquisa, além da constante pressão dos Programas de Pós-graduação em manter seus altos padrões de exigências, principalmente no campo da produção intelectual.

A divulgação científica, assim como a construção da reputação intelectual sempre esteve no âmbito dos eventos científicos, das universidades, dos centros de pesquisa e investigação, das bibliografias dos mais diversos tipos de produção intelectual, além de livros, artigos e aulas e conferências nos diferentes circuitos acadêmicos. A inserção nesses espaços definia o potencial e visibilidade intelectual para um público principalmente acadêmico. Nas ciências humanas e sociais, o que reunia as pessoas em torno de um nome, era de fato a qualidade do debate e das ideias sobre o mundo, a sociedade, os grupos sociais e as mais diversas interações e manifestações sociais, culturais, políticas entre outras dimensões. O mundo comportava as várias perspectivas teóricas, até mesmo porque as escolhas teóricas eram também políticas.

Fora dos espaços acadêmicos orbitavam conhecimentos diferentes, como os produzidos pelos movimentos sociais, pelas práticas da educação popular, pelos mais diversos grupos étnicos, religiosos, econômicos e populares que foram se aproximando das universidades, principalmente

pela via da extensão universitária, ou mesmo por políticas de afirmação gestadas ou demandadas por estes diversos grupos e movimentos sociais.

Esses encontros entre a academia e mundo real proporcionaram grandes aprendizados, rompeu muros, criou diálogos e polifonias. Em especial os movimentos sociais, buscaram nas universidades qualificação, assim como a acadêmica aprendeu estratégias de organização e reivindicação dentro de seus muros. Imersos a tudo isso, a cultura de ódio entre grupos sociais se também se alastrou colocando dentro desses espaços fortes embates, interesses além dos científicos, ao mesmo tempo em que impuseram novas agendas, a maioria incompatível com as exigências de produção e experiência acadêmica que sempre definiram a qualificação dos programas, dos centros de pesquisa, das coordenações de projeto e das organizações da ciência, como os grupos de pesquisa e as estruturas científicas.

Essas questões extrapolaram para as redes sociais e tudo passou a ser motivo de reivindicação, de insatisfação, de denúncias articuladas entre militantes, muitas vezes sem prova e baseadas em narrativas rapidamente disseminadas entre seus membros, em listas locais, nacionais e internacionais, destruindo reputações, numa perseguição em boa parte dos casos, sem precedentes e muito difícil de se enfrentar.

Dentro dessa lógica, que é real e efetiva, nas redes sociais, as supostas denúncias não precisam de prova e rapidamente se tornam “verdades”. Não há contraditório e nem direito à defesa ou mesmo à resposta. A vigilância é intensa e qualquer ação, fala ou mesmo algum tipo de movimentação é rapidamente desacreditada, gerando cancelamentos e imobilidade, dificultando a própria defesa. Poucos resistem as supostas denúncias de alguns grupos radicais que muitas vezes não representam a agenda de luta dos diversos movimentos sociais, passam a atuar na defesa de interesses individuais ou de pequenos grupos.

Nesse cenário, Boaventura de Sousa Santos, tem há um ano seu nome envolvido em denúncias de assédio por parte de um grupo de feministas em Portugal, com articulação internacional. Além disso, uma das principais “ativistas” desse grupo, uma jornalista de um jornal de direita em Portugal, recorrentemente tem publicado em sua coluna semanal supostas análises sobre supostos crimes cometidos por este intelectual, consolidando uma narrativa difícil de contestar.

Mediante a este lamaçal, a primeira providência de Boaventura foi se auto licenciar do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, onde ele é Diretor Emérito, por ter criado este Centro na década de 1970. Na sequência pediu providências para instalar uma Comissão Independente para apurar as denúncias neste importante Centro de Investigação, sobre supostos casos de assédio que eram imputados ao seu nome. E depois de meses, essa Comissão Independente – constituída por quatro mulheres e um homem -, após ter escutado homens e mulheres investigadores/as, como as novas investigadoras (com vínculo temporário) e as/os antigas/os que são os/as coordenadores/as de projetos (vínculo permanente), concluiu que, “apesar de os homens se terem mantido mais tempo nos órgãos de gestão, a maior parte daqueles cargos foi ocupada por mulheres. Essa realidade pode explicar que dos 14 denunciados, 9 sejam mulheres”, porém nenhum nome foi identificado.

Contudo o grupo que vem tentando criminalizar o Boaventura, não aceitou as conclusões do relatório e fizeram uma “carta-denúncia” criminalizando apenas ele, e suplantando as conclusões do relatório da Comissão Independente, pela força que têm na divulgação e difusão desta suposta carta-denúncia, e pela forma como estão organizadas para este fim.

Após mais de um ano, em que Boaventura esteve em silêncio à espera de esclarecimentos e do encerramento do caso, já que acreditava ser suficiente as conclusões do relatório da Comissão Independente para comprovar a fragilidade das denúncias e assim retomar sua vida acadêmica e de intelectual, constatou que não foi suficiente. Então, Boaventura entrou com uma robusta ação, fartamente documentada, no Ministério Público de Portugal contra essa prolongada perseguição. Após este ato, as feministas radicais de Portugal entraram em silêncio e agora todos e todas aguardam as investigações da justiça Portuguesa, que nesta seara, não tem mais espaço para narrativas sem comprovação.

Toda essa análise e narrativa tem o propósito de mostrar como a nossa vida acadêmica se tornou vulnerável. Estamos sujeitos a supostas denúncias por quem quer que seja, e não importando se temos de fato “culpa” ou se somos “inocentes”. Essas denúncias são geralmente feitas em redes sociais nas quais não pertencemos, e quando tomamos conhecimento, em boa parte dos casos, já houve um enorme estrago na imagem pessoal ou mesmo institucional.

Ao mesmo tempo, jovens egressos da graduação buscam os Programas de Pós-graduação para uma formação mais qualificada, mesmo sabendo de suas responsabilidades enquanto

discentes, acusam os programas e os/as orientadores/as sobre as exigências de produção e cumprimento de prazos. O mesmo acontece com investigadores/as de centros de pesquisa que trabalham por projeto. Assim, posso afirmar, que definitivamente as estratégias de reivindicações dos movimentos sociais entraram na academia, mesmo que muitas vezes com grandes distorções e que se articulam e buscam alcançar interesses pessoais, à revelia muitas vezes, das aspirações coletivas.

A exemplo disso, tem o caso de uma disputa epistemológica entre dois doutorandos em sala de aula de um Programa de Pós-graduação: um jovem branco e gay e uma jovem negra. Nessa disputa, a jovem negra insiste em acusar o colega gay de crime de racismo, pois o mesmo baseado na teoria de Judith Butler, apontou, segundo ele, inconsistências na teoria de três intelectuais negras. Nesse embate, a jovem chegou aos extremos, mostrando toda a sua ira com esta situação, que recebeu de volta uma reação, não na mesma proporção, mas que criou uma situação traumática para ambos, para o professor e para a turma, inclusive a doutoranda, não satisfeita, implicou o Programa com uma postagem muito distorcida e complicada em suas redes sociais, “denunciando” no Programa um caso de racismo e machismo e, como sempre, sem comprovação. Desse modo, constamos cada vez mais, que não é nem necessário que as narrativas postadas sejam verdade, precisa apenas ter um bom número de seguidores/as e uma carga de indignação acumulada sobre a própria história de vida.

Como podemos enfrentar isto? Vamos ter que descobrir, pois a cada dia as redes sociais empoderam mais e mais as narrativas dos/as insatisfeitos/as, dos que estando a “flor da pele” como dizia Zeca Baleiro, não suportam o contraditório, enxergam os fatos com lentes que superlativam fatos e impossibilitam o diálogo e os caminhos do respeito mútuo e da convivência razoável.

Desse modo, os diversos problemas de relacionamento e suas supostas violências dentro de uma instituição são imediatamente jogados nas redes sociais de forma distorcida e articulada, e sem o tempo necessário de apuração institucional; lugar onde deveria ser a primeira instância para apuração e solução dos conflitos. Assim, são jogados sem tratamento nenhum e sem apuração narrativas nas redes sociais, atuando como justiceiros e justiceiras de questões que têm mais um caráter de interesse individual ou de pequenos grupos, do que reivindicações mais amplas dos movimentos sociais.

É como funciona o *bullying*, é preciso ter plateia para gerar a violência. E nas redes sociais, o que mais se tem é palco e plateia, onde boa parte dos discursos proferidos e recebidos não têm compromisso com a verdade.

Apresentação da Edição

Este número da DEBIN conta com dois Editoriais. Este, que traz uma reflexão – como sempre fazemos - sobre um tema importante da atualidade e um outro escrito por Boaventura de Sousa Santos sobre os 50 anos do 25 de Abril de Portugal, movimento protagonizado pelos capitães do exército português, insatisfeitos com as guerras coloniais, ondem morriam muitos jovens soldados e que acabou com a ditadura salazarista de 48 anos, mas também que teve impacto nas lutas contra a ditadura civil-militar no Brasil e nas lutas pela independência colonial dos países africanos de língua oficial portuguesa.

Na sequência, apresentamos a **Seção Artigos Livres**, que está composta por quatro artigos com temas variados.

No primeiro artigo, de autoria da Doutora Rita de Cássia Petrenas (UNICEP – SP) e da Doutora Maria Salete Zufelato Vencel (CEETEPS-SP), intitulado **Significados e sentidos para sujeitos que aprendem: o curso de pedagogia em discussão** que trata dos resultados de um estudo que procurou aspectos, indicadores e significativos que pudessem contribuir para a discussão em torno do desenvolvimento profissional da docência no próprio processo de formação. Utilizaram como referencial análises narrativas escritas e produzidas em portfólios por quinze estudantes do curso de Pedagogia, com o propósito de conhecer as opiniões, pensamentos e práticas dos/as estudantes do curso de pedagogia.

O segundo artigo de autoria do Doutor Danilo Araújo de Oliveira (UFMA) e da Pedagoga Joane Beatriz Santos Meneses (UFMA), denominado **Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro: lembrar vivências racistas e criar possíveis no currículo para existir hoje como professora mulher-preta**, partiu da narrativa autobiográfica de uma professora mulher-preta, a partir de um episódio acontecido ainda na infância e que marcou profundamente uma das pesquisadoras deste artigo. Ao longo do texto, segundo os/as autores/as estão episódios-relatos que se apresentam em um vai e vem que dão ao texto uma não linearidade ou fixidez,

mas levam a/o leitora/o por esse vaguear que acontece quando nos misturamos às sensações de nossas memórias.

No terceiro artigo, o Doutor Hélio José Santos Maia (UnB) e a Mestranda Flávia Motta Santos Duarte (UnB), nos apresentam o texto **O currículo da educação básica e o pensamento pós-colonial: uma revisão da literatura**, onde se propõem a analisar como a pesquisa nesse campo tem tratado a temática. A metodologia utilizada foi uma investigação documental na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) em um período de cinco anos, no qual foram identificados oito trabalhos. Segundo os/as autores/as, o principal resultado obtido é que todas as abordagens analisadas buscam valorizar a diversidade cultural e incorporar as perspectivas dos alunos e suas culturas no processo de ensino e aprendizagem.

E o quarto artigo da Seção Artigos Livres, de autoria da Doutora Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira (UFG) e da Psicóloga Jordana Santos Nunes (UFG), com o título **O mal-estar na civilização em Philip Roth segundo a obra Indignação (2017)** que se apoia nos referenciais teóricos da psicanálise como possibilidade de explorar a obra *Indignação* (2017) do escritor americano Philip Roth. |As autoras analisam o texto de Roth a fim de perscrutar o mal-estar na cultura presente na narrativa e concluem, que a neurose é um resultado indissociável do processo civilizatório, pois ambos recobrem simultaneamente aspectos sociais e psíquicos inerentes à formação humana.

Na Seção Dossiê, com o tema **Educação Cidadã para uma Promoção da Saúde Emancipatória**, coordenada pelas pesquisador/as Doutora Adriana Miranda de Castro (FIOCRUZ), Doutor Rafael Agostini (UCSP) e Doutora Maria Rita de Cássia Macêdo (FAPERN), reúne seis artigos.

O primeiro deles, do Doutor Marcus Nascimento (UFRJ) e do Mestre Anderson dos Santos Alves de Abreu (UFRJ), é intitulado **Afroperspectivas em saúde: um olhar para as demandas da população preta e cuir**. O segundo artigo, da Doutora Thelma Maria Grisi Veloso (UEPB) e da Doutoranda Karolina Mirella Oliveira Pereira Costa (UFPE), é denominado **Na(danças) no campo da saúde mental: o uso da Dançaterapia e do Teatro do Oprimido em uma intervenção psicossocial num CAPS III**. O terceiro artigo, da Doutora Sonia Cristina Soares Dias Vermelho (UFRJ) e da Doutoranda Kelly Cristine Marques da Silva (UFRJ) tem por título **Saco Sem Vergonha: a experiência do serviço social em práticas de educação popular**

em saúde com adolescentes no conjunto das favelas da Maré. O quarto artigo, da Doutora Daniela Dias dos Anjos (UFS), da Doutoranda Gabriely Lolli de Oliveira (PUC-Campinas) e da Doutoranda Karine Maria Heidemann (UNIVASF) é designado por **O novo normal e a constituição dos indivíduos: trilhando caminhos de vivências e significações.** O quinto artigo, da Doutora Vera Lucia Trevisan de Souza (PUC/Campinas) e da Mestra Rebecca Moura de Almeida Ferreira Carvalho (PUC/Campinas) é intitulado **Reflexões sobre as violências e as diferenças no contexto escolar utilizando animes.** E por último, o artigo da Doutora Domênica Palomarís Mariano de Souza (UFNT), do Mestrando Leonardo Guimarães da Silva (UFNT) e do Mestrando Moisés da Silva Santos (UFNT) é nomeado **Automatização de irrigação de horta sustentável: pensando uma aprendizagem significativa.**

Finalmente, a **Seção Pautas Insubmissas** reúne os resultados de cinco estudos. No primeiro trabalho, o Licenciado em Letras Geovane Diogenes Silva - Gegê Pankararu (UFSCar) e Doutora Amanda Post da Silveira (UFSCar) nos apresentam o tema **Construção de narrativas orais em aulas de língua portuguesa: quebrando estereótipos sobre as culturas indígenas brasileiras,** que traz o resultado da aplicação de um projeto que visou desenvolver narrativas orais nas aulas de português de uma escola pública periférica no interior do Estado de São Paulo. Segundo os/as autores/as, este trabalho permitiu desconstruir estereótipos e promoveu uma compreensão do valor de culturas que diferem da pretensa hegemonia eurocêntrica da instituição escola atual.

No segundo, os autores/as Doutorando Vinícius Mauricio de Lima (UFABC), Doutora Bruna Mendes de Vasconcelos (UFABC) e Doutora Anastasia Guidi Itokazu (UFABC) nos trazem o artigo **Interpelações epistemológicas: notas sobre o ensino da ciência moderna na graduação de uma universidade pública,** que refletem que com a “Lei de Cotas”, o perfil de discentes do Ensino Superior no Brasil tem se tornado mais diverso. Mas o ensino da ciência moderna ainda privilegia a visão de mundo ocidental. Os/as autores/as analisaram a experiência na disciplina “Bases Epistemológicas da Ciência Moderna”, ministrada para discentes de cursos de graduação interdisciplinares, e observaram como as desigualdades socioeconômicas entre discentes impactam na democratização da ciência.

No terceiro, a professora Doutora Lígia Egídia Moscardini (UNESP) nos traz o ensaio **“Perda de identidade cultural” indígena, barbárie e o espaço escolar,** que reflete se o espaço

escolar acarretaria perda ou não de identidade cultural indígena. Para isso, reflete os conceitos de cultura, civilização e barbárie, bem como tece considerações sobre a escola indígena e não-indígena. Segundo a autora, o texto foi dividido em quatro partes: a primeira parte visa desconstruir a imagem estereotipada e “exótica” que se tem dos povos indígenas, a segunda explora sobre “perda cultural”, a relação entre língua e cultura, a terceira menciona sobre nossa própria crise de identidade em um governo autoritário e a relação deste fato com a falta de conhecimento e a última parte trata da reversão histórica na Educação Escolar Indígena e o que podemos aprender com os povos originários.

No quarto, as autoras Doutoranda Josie Pereira da Mota (UEPA) e Doutora Katiane da Costa Cunha (UEPA) nos trazem o relato de experiência denominado **Pesquisa de satisfação do usuário do SUS e o Estágio em Psicologia no Núcleo de Qualidade e Segurança do Paciente**, que foi realizado com objetivo de entender como a psicologia e um estágio supervisionado contribuíram para a promoção da autonomia dos usuários do SUS por meio da realização das Pesquisas de Satisfação, ao longo de 12 meses, numa pesquisa piloto, no qual segundo as autoras obteve-se como resultados positivos a média do índice de satisfação geral, de 92,42%, sendo que as áreas mais bem avaliadas foram as áreas assistenciais, e os pontos apontados como necessidade de melhoria aspectos relacionados a estrutura física, como reformas nos banheiros e manutenção predial.

No quinto trabalho, as autoras Advogada Mariana Nayara Barbosa de Souza (Uninassau) e a Mestra Paloma Raquel de Almeida (Uninassau) nos trazem o ensaio **Absolvição por ausência de materialidade e ameaça à Lei Maria da Penha: uma reafirmação da violência simbólica de gênero?** que reflete sobre o problema traçado de se a absolvição por ausência de materialidade representa ameaça à Lei Maria da Penha, por configurar uma reafirmação da violência simbólica de gênero de Pierre Bourdieu, relacionado aos problemas existenciais na construção dos direitos das mulheres, bem como no alcance das ideologias androcêntricas e patriarcais na prática de instituições como o Poder Judiciário, demonstrando o modo que se perfaz a violência simbólica de gênero.

Por fim, não podemos encerrar este editorial sem nos referirmos a tragédia climática no Rio Grande do Sul. Um cenário catastrófico, até então era inimaginável pensar este estado do Rio Grande do Sul - ou qualquer outro - quase que totalmente submerso, por chuvas desproporcionais

que têm caindo em quantidades exorbitantes, enchendo os mananciais de rios, que convergem para lagoas que não conseguem despejar suas águas no oceano a depender da direção dos ventos e das marés oceânicas, ocasionando mais de cem de mortes, centenas de desaparecidos, os quais, muito provavelmente terão seus corpos encontrados quando baixarem as águas.

São mais de 600.000 pessoas desabrigadas do Clima, numa devastação alarmante, com perspectivas de um prolongado tempo para baixar as águas. Sem contar as cenas dolorosas das centenas de animais que estão sendo resgatados, dos telhados, de casas alagadas, de cima de carros e de escombros. Não é por acaso que a cena de um cavalo sozinho num telhado, há pelo menos 4 dias, ilhado por uma quantidade imensa de águas causou uma comoção tão grande, não apenas nacional, mas também internacional.

Além da geografia do Rio Grande do Sul, com rios e grandes lagoas, este estado é um dos celeiros brasileiros do agronegócio e onde nos últimos anos tem havido no âmbito da câmara legislativa do estado, um movimento de mudança na legislação ambiental em favor de uma maior exploração econômica dos recursos naturais ou da redução das matas dos biomas e áreas verdes que auxiliam na qualidade do clima, causando assim mais impacto ambiental.

Estamos chegando mesmo no limite do nosso Planeta, com temperaturas muito elevadas e chuvas torrenciais de grande quantidade desaguadas em curtos intervalos de tempo.

O que se pode fazer no momento é muita ajuda humanitária e muita solidariedade do povo brasileiro, e até da comunidade internacional, mas principalmente recursos governamentais para minorar o sofrimento milhões de pessoas, que necessitam reerguerem suas vidas, seus municípios, suas instituições, seus sistemas produtivos e suas moradias.

Força Rio Grande do Sul!

Primeiros dias de maio, com solidariedade e esperança
para os desabrigados das mudanças climáticas do mundo todo!

Allene Lage

(Co-editora)